S Paulo — A "Platéia" — 8 Julho 1931

Ainda os tres shillings

Pelas leis da logica, que ainda não foram — ao que parece — revogadas, nem afogadas pelo diluvio de decretos da actualidade, temos demonstrado em 3 e 6 do corrente que o Governo federal — anti-papelista — só poderia ter encontrado recursos para a phantasia da compra do café no producto do emprestimo de vinte milhões, cuja finalidade elle desvirtuou por obra e graça dos seus technicos financeiros com o sr. ministro da Fazenda á frente.

SALVO PROVA EM CONTRARIO, foi pelo desvirtuamento daquelle emprestimo (o qual deve ter produzido uns dezesete milhões de esterlinos) que, a uma libra a saccca, está se consummando aquella phantasia, pelo menos na acquisição de oitenta por cento dos vinte milhões de saccas dos reguladores.

Já explicámos como se teria dado o desvirtuamento do emprestimo e os processo para se lhe modificar a finalidade.

Sob o aspecto financeiro da questão, desejariamos apenas arriscar uma pergunta innocente: se o Governo federal não se utilisou daquelles fundos para a "sahida" da compra do café, porque o recente decreto estadoal veiu alterar profundamente o systema de cobrança dos tres shillings, tornando-a extensiva a todos os cafés, SEM A RESTITUIÇÃO ANTIGA PARA OS NÃO FINANCIADOS? Porque, com a alteração do systema de entradas a partir de 1.º de Julho, só entrariam em Santos cafés da nova safra NÃO FINANCIADOS? A resposta affirmativa a esta ultima pergunta seria uma dupla iniquidade. Para os banqueiros, em primeiro logar pois estes foram solicitados a alterar o que lhes não interessava alterar e ver-se-iam privados da continuação do serviço regular da divida, elles que nenhum interesse directo deviam ter no novo estado de cousas.

Para os fazendeiros, em segundo logar, porque o sacrificio destes (a grande maioria) que tivessem cafés financiados, seria enorme. Não liquidariam os seus debitos contrahidos, nem ao menos pouco a pouco, como até 30 de Junho. E não só não liquidariam. Entrando sómente em Santos cafés da nova safra NÃO FINANCIADOS, o financiamento perderia o seu caracter rotativo. Mas, admittir esta ultima hypothese para os fazendeiros seria um absurdo e um absurdo tanto maior porque equivaleria a negar a existencia de uma cousa decretada e traduzida por factos, dia a dia annunciados e irradiados: a compra do café.

Destas hypotheses, portanto, só um aficaria de pé; a finalidade do recente decreto estadoal, alterando a cobrança dos 3 shillings, para impedir o collapso do serviço da divida. Mas, para ficar de pé esta hypothese, ella daria logar a uma outra serie de perguntas. Foi ou não foi decretada a compra do café? Foi. Por quem? Pelo Governo federal. Se este, para a vultosa operação de compra, não se utilisou dos fundos do emprestimo e pagou os fazendeiros e commissarios em moeda corrente do paiz — papel moeda — d'onde sahiu essa moeda se elle é anti-papelista? Se foi por uma emissão de papel — o que repugna a crêr porque seria um acto clandestino e peremptoriamente negado — então o DECETO ULTIMO DO ESTADO NÃO TINHA RAZÃO DE SER. Por que? Porque, se assim fosse, pagando em papel, o Governo federal com os fundos

TE ante o Direito, a Razão e a Moral o pagamento dos tres shillings. A elle tão sómente.

Quem não póde não inventa modas. Por falar em moda, quanta analogia entre esta e a finança nova! A moda, supprindo as deficiencias physicas COM ARTIFICIOS, por esses mesmos artificios illude ou procura illudir uns aos outros. Assim, antigamente as anquinhas e hoje, nesta quadra de feminismo, os [illegible]

A PHILATELIA NO BRASIL

A actividade philatelica em São Paulo não está em plano inferior á do Rio Grande do Sul

E' O QUE O DR. MARIO DE SANCTIS DIZ E PROVA A "PLATE'A"

DO DISTINCTO CLINICO E APAIXONADO PHILATELISTA DR. MARIO DE SANCTIS RECEBEMOS E COM PRAZER PUBLICAMOS A SEGUINTE CARTA:

"São Paulo, 3 de Julho de 1931. — Illmo. Snr. Redactor da "A PLATE'A" — Prezado Snr. — Com referencia á noticia já publicada nesse conceituado vespertino, na sua edição de ante-hontem, sob o titulo "A Philatelia no Rio Grande do Sul", peço-lhe permissão para alguns reparos em certos pontos.

Preliminarmente, devo dizer que não exijo exclusivamente para São Paulo o direito de ser o unico grande centro philatelico do Brasil. Porém, não é de Justiça que se colloque em plano infrior a actividade philatelica daqui, com vida tão fecunda para a Philatelia Nacional.

Como já foi noticiado pela imprensa "a São Paulo — terra das grandes iniciativas, — coube a primazia de ter publicado a primeira revista philatelica na America do Sul", cujo cincoentenario se festejará em janeiro do proximo anno. Portanto, ha cincoenta annos, a philatelia em São Paulo já tinha vida propria, exigindo até uma imprensa philatelica. Trata-se do "O Brasil Philatelico", fundado pelo sr. Luiz H. Levy, actual presidente da "Sociedade Philatelica Paulista", cujo primeiro numero foi publicado em janeiro de 1882! Desde ahi, a philatelia em São Paulo vem se engrandecendo, cada vez mais. Innumeras foram as sociedades e revistas philatelicas que appareceram.

Em 30 de abril de 1919 foi fundada a "**Sociedade Philatelica Paulista**", um justo orgulho dos nossos philatelistas. Conta, portanto, com 12 annos e 3 mezes de vida, tendo realizado — não 100, mas 636 reuniões semanaes, — fóra as assembléas geraes e sessões especiaes. Foi a primeira que realisou, tambem pela primeira vez no Brasil, uma Exposição Philatelica Nacional, á qual concorreram grande numero de colleccionadores, e que foi inaugurada em 2 de dezembro de 1925, em commemoração ao Centenario de D. Pedro II.

Foi a "Sociedade Philatelica Paulista" que editou em nosso paiz o primeiro catalogo especial de sellos typos do Brasil. Posto que não tenha sido uma obra impeccavel, todavia foi de grande utilidade para os colleccionadores brasileiros, que até então se guiavam por catalogos estrangeiros.

Foi por elementos daquella Sociedade que se levou avante a idéa, tambem partida de São Paulo, de se desvendar o grande mysterio em que se envolvia a autoria da gravação e impressão do nosso primeiro sello postal, "os olhos de boi", pois se não fosse a actividade de philatelistas daqui, estariamos até hoje na erronea supposição que os primeiros sellos do Brasil foram gravados e impressos na Inglaterra, quando graças a laboriosas pesquizas e cuidadosos estudos levados a effeito pelo sr. José Kloke, está provado e devidamente documentado que os nossos primeiros sellos foram impressos na Casa da Moeda do Rio de Janeiro, portanto são productos inteira e genuinamente nacionaes.

Desde 1925 que a "Sociedade Philatelica Paulista" edita o seu "Boletim", que é sem favor nenhum a revista philatelica do Brasil. Nem mesmo a nossa associação philatelica

Um dos sellos comemmorativos da Revolução a que o dr. Mario de Sanctis se refere

"mater", a "Sociedade Philatelica Brasileira", do Rio de Janeiro, jámais editou uma revista que se igualasse áquella, apezar de que o "Boletim" da S. P. P. não ter sahido com regularidade, isto é, com data fixa de publicação, porquanto a "Sociedade Philatelica Paulista" não se preoccupa em editar uma revista, mas sim, uma publicação que seja um verdadeiro depositario de grandes ensinamentos e profundos estudos dos sellos de nosso Paiz.

Actualmente, a "Sociedade Philatelica Paulista" — sempre prompta para defender e amparar os interesses dos nossos colleccionadores, está pleiteando junto aos Correios uma justa aspiração dos philatelistas: a criação, naquella Repartição, de "guichets" philatelicos.

Em breve apparecerá a maior obra philatelica brasileira, producto da actividade dos philatelistas de S. Paulo: o "Manual de Sellos do Brasil", cuja perfeição que demanda profundos conhecimentos technicos e scientificos, está a cargo das Commissões de Catalogo e de Estudos Philatelicos da "S. P. P", sob orientação do erudito philatelista sr. José Kloke e collaboração das maiores sumidades philatelicas brasileiras.

Finalmente, sr. redactor, com referencia a que allude a noticia quanto aos sellos revolucionarios, impressos por uma empreza particular do Rio Grande do Sul, comparando-os com os confeccionados pela nossa Casa da Moeda, permitta-me ainda uma observação: é doutrina philatelica, firmada no seio da "Sociedade Philatelica Paulista" e emittida pelo sr. Kloke que "**não devemos cahir no erro de que a Casa da Moeda seja obrigada a determinar os seus serviços de accôrdo com as regras de philatelia**", uma vez que os trabalhos executados por aquelle nosso departamento federal satisfaçam ás exigencias do serviço publico não ha razão que se o censure pelas irregularidades de impressão ou gravação, que só poderão preoccupar os philatelistas. De facto em varios paizes, afim de se evitarem possiveis reclamações de colleccionadores tem-se procurado empregar o maximo cuidado e uniformidade na confecção dos sellos, mas nem medida rigorosas evitam que appareçam erros, defeitos, etc. que irão depois movimentar os meios philatelicos... A nossa Casa da Moeda PODERIA evitar essas irregularidades para não perjudicar a Philatelia Brasileira, mas não ha razão para ser OBRIGADA, uma vez que essas irregularidades não prejudicam o publico em geral. E, além disso, cumpre ao Correio e não á Casa da Moeda (uma vez que no serviço dessa escape algum erro) que taes irregularidades (allás philatelicas) sejam devolvidas e não fornecidas ao publico. Não quero com isto censurar as altas autoridades postaes, que estiveram sempre alheias ás "piratarias philatelicas" que têm apparecido, mas os maiores culpados são os funccionarios que deviam cumprir com o seu dever, devolvendo sempre o que de irregular encontrassem, em obediencia ao artigo 86, nº. 12, do Regulamento Geral dos Correios, approvado pelo Decreto nº. 14.722 de 16 de março de 1921, que considera "nullo qualquer erro de fabrico". Entretanto, estas "irregularidades" são sofregamente procuradas pelos referidos funccionarios, não para as devolver em obediencia ás nossas leis, mas para encaminhal-as ás casas philatelicas...

Com os sellos da revolução, porém, o caso é differente. Os sellos confeccionados pela Casa da Moeda, como já disse, não são feitos para attender aos philatelistas, ao passo que os emittidos no Rio Grande do Sul, o foram com fito quasi que puramente philatelico, e a prova está que a sua emissão foi inspirada por uma sociedade philatelica, pois, do contrario, o dr. Oswaldo Aranha nunca teria se lembrado daquella medida... Portanto, é razoavel que a referida emissão fosse "acolhida com reservas por parte de certa imprensa philatelica"... E demais, não se comprehende que, para attender ao serviço postal numa época anormal, como foi a da revolução, fosse necessaria uma serie de 14 valores differentes! Basta dizer que, em época normal, quando naturalmente mais augmenta os serviços dos Correios, nunca uma emissão attingiu aquelle numero de sellos, com excepção apenas da serie official "Hermes". Mesmo quando uma emissão attinge um numero elevado de valores, estes valores vão apparecendo aos poucos á medida que as necessidades do serviço o exigem.

E' ou não é justo, sr. redactor, que se acolham estes sellos com uma certa reserva? Isto está ao alcance até de um leigo em philatelia... E' uma mera questão de logica. E a prova da "reserva", está no facto de já terem apparecido "variedades" philatelicas em sellos da revolução, a principiar, para citar uma dellas, a existente no sello de $050.

Apesar de não ter autoridade bastante para falar em nome da "Sociedade Philatelica Paulista", — porquanto para tal deveria ou receber delegação especial de seus associados ou dos demais companheiros da Directoria, — estou certo que os meus collegas farão seus os conceitos emittidos nesta carta, que, espero, merecerá agasalho nas columnas desse jornal.

Dr. MARIO DE SANCTIS

A vertigem do ouro

Henri Miro, desde criança, ouviu dizer que o homem, como manda um preceito, deve ganhar dinheiro honestamente, se possivel; mas, não sendo possivel honestamente, deve ganhar dinheiro...

Leilão Judicial

dos bens da massa fallida de Fortunato Osso

318 — Rua da Consolação — 318

Quarta-feira = 8 do corrente = Quarta-feira

A'S 13 HORAS

Revisão das tarifas aduaneiras

AS ADHESÕES QUE TEM RECEBIDO A JUNTA EXECUTIVA DA COMMISSÃO CENTRAL DO COMMERCIO IMPORTADOR

Communicam-nos: "Todo o commercio importador de São Paulo está se movimentando no sentido de ver, quanto antes, realizada a sua justa aspiração, isto é, a revisão geral das actuaes tarifas alfandegarias que tanto oneram os artigos de consumo, encarecendo-os, com prejuizo do consumidor, exorbitantemente. Esse movimento vae se concretizando nas adhesões que dia a dia a Junta Executiva vae recebendo, prova de que a iniciativa tomada foi bem comprehendida pela numerosa classe.

Ainda hontem a Junta recebeu a adhesão das seguintes firmas:

Firestone Fire & Rubber Co., Goodyear Fire & Rubber Co., Texas Co., Sociedade Finlandeza, Correia Dias & Cia., A. Gomes de Oliveira.

Outra adhesão importante é a da "Associação dos Importadores de Santos", manifestada no seguinte officio datado de 6 do corrente:

"A Associação dos Importadores de Santos, representando vinte e uma firmas importadoras desta praça, vêm, pelo presente, trazer a sua adhesão ao movimento que essa Junta encabeça para o fim de ser devidamente examinado o problema das tarifas aduaneiras, cuja revisão foi recentemente annunciada, de conformidade com o projecto de lei preliminar publicado pela imprensa.

Certa de que ao commercio importador cabe papel especial no debate do assumpto e que as suas suggestões terão de divergir dos pontos de vista de outras classes tambem chamadas a manifestar-se, esta corporação agradeceria, muito penhorada, quaesquer instrucções que a possam guiar na defesa dos interesses geraes, tendo principalmente em vista a condemnação de todos os proteccionismos que difficultem a vida dos consumidores, reduzindo-lhes o poder aquisitivo.

Esta Associação desejaria dever a v. v. s. s. a fineza de lhe communicarem todas as resoluções tomadas.

Na espectativa de sua breve resposta antecipamos os nossos agradecimentos e prevalecemo-nos da opportunidade para apresentar-lhes os protestos do nosso distincto apreço".

COOPERATIVA BRASILEIRA DE CAFE' PARA O ORIENTE PROXIMO.

DR. PEÇANHA DE FIGUEIREDO

ADVOGADO

Escriptorio: Rua Direita, n. 2, 1.º andar, sala 5. — Telephone 2-2974 — S. Paulo.

FALLECIMENTOS

D. JOSEPHINA SCHRITZMEYER

Falleceu hontem, nesta capital, em sua residencia, á rua Santo Antonio n. 56, a sra. d. Josephina Schritzmeyer, esposa do sr. Adolpho Daniel Schritzmeyer.

A extincta, que contava 74 annos de edade, era mãe de d. Elisa Schritzmeyer Costa, já fallecida, que foi casada com o sr. Francisco Costa, da firma Sampaio Costa & Cia., desta praça; de d. Josephina S. Kraemer, casada com o sr. Guilherme Kraemer Jr.; do sr. João Adolpho Schritzmeyer Netto e de d. Antonia Schritzmeyer, solteiros. Deixa ainda 7 netos.

O enterro realisou-se hoje, ás 10 horas.

D. ANNA FRENZEL GROSENBACHER

Falleceu hontem pela manhã, nesta capital, a sra. d. Anna Frenzel Grosenbacher.

A extincta que contava 87 annos de edade, era mãe dos srs. Jacob e Gustavo Grosenbacher.

O enterro realizou-se hoje, as 9 horas, tendo sahido o feretro da rua Abiala, 41.

DOMINGOS LA SCALE'A

Na madrugada de hontem, falleceu nesta capital, o sr. Domingos La Scaléa, antigo commerciante nesta praça.

[illegible] que contava 57

Edital d[illegible] o praz[illegible]

6º.

Eu, o Do[illegible] de Freit[illegible] reito da [illegible] é Comm[illegible] ca da [illegible] São Pau[illegible]

FAÇO s[illegible] o presente [illegible] com o pra[illegible] rem ou d[illegible] verem que [illegible] MARIA D[illegible] dirigida a[illegible] guinte: — [illegible] Juiz de D[illegible] e Comme[illegible] Moraes, [illegible] nesta Ca[illegible] Elvira M[illegible] Rs. 16:1[illegible] cento e s[illegible] ao: Cap[illegible] contos de [illegible] mezes ve[illegible] p. p. 1:8[illegible] tocentos [illegible] vinte por [illegible] 2:360$000 [illegible] tos e ses[illegible] rarios de [illegible] 2:000$000 [illegible] perfazend[illegible] o total a[illegible] (dezeseis [illegible] ta mil r[illegible] provenien[illegible] hypotheca[illegible] da confo[illegible] hypotheca[illegible] te registr[illegible] primeira [illegible] garantia [illegible] multa e [illegible] nada es[illegible] deu ao [illegible] ra, unica[illegible] um terr[illegible] oito met[illegible] metros [illegible] formand[illegible] 3.800 m[illegible] nando p[illegible] Ferrucio [illegible] dos com[illegible] tonio C[illegible] guezia [illegible] Villa M[illegible] E como [illegible] seguiu [illegible] nar am[illegible] cio, req[illegible] termos [illegible] do Pro[illegible] citar a[illegible] gro pa[illegible] mencio[illegible] 16:160$[illegible] to e se[illegible] tas da[illegible] zendo [illegible] immov[illegible] devido [illegible] deposi[illegible] da lei [illegible] para [illegible] deste [illegible] tura [illegible] nhora [illegible] so da [illegible] pena [illegible] tação [illegible] causa [illegible] so nã[illegible] dora, [illegible] trado, [illegible] terá [illegible] feita [illegible] e A. [illegible] 5 de [illegible] dio [illegible] sellad[illegible] reque[illegible] S. P. [illegible] mede[illegible] plica[illegible] foi e[illegible] tima[illegible] da c[illegible] tiça, [illegible] ques[illegible] gara[illegible] do T[illegible] distr[illegible] tend[illegible] do e[illegible] nho [illegible] guid[illegible] Mar[illegible] quer[illegible] te e[illegible] so [illegible] tad[illegible] Ma[illegible] pra[illegible] peti[illegible] ven[illegible] ra [illegible] to [illegible] prin[illegible] dest[illegible] trin[illegible] Offi[illegible] assi[illegible] tro [illegible] da ac[illegible] the ass[illegible] cinco d[illegible] barcos

tal
nda
ca

ministro
as gran-
vida in-
e", não
s do go-
linhas
firmação,
toral, de
vilização
conceito
equencia
o quasi
brasi-

adicções
tas, que
mpre a
titular
gover-
s, excia.
lar com
peso, a
"decla-
impro-
to do
al, é,
direito
ge, po-
io des-
m ulti-
erdade
a offi-
ser in-
um
iscus-
litico-

ranha
civi-
do
Isto
imos
o de
s ci-
mar,
do
ram
as
pon-
ades
rda-
o do
re-
que
ades
ter-
são
n o
api-
au-
an-
nos-
ore-
a
nde
ro-
di-
ue
de
tro
ra-
rio
al-
não
do
ferem-
matta.

acima referida, o sr. Oswaldo Aranha não só se contradiz, como tenta jungir á sua contradicção os proprios factos a que se refére. Assim, se o Rio não se presta para séde do governo federal, por ser uma "cidade de vida intensa e absorvente", e se a nossa civilização se resente do "conceito litoraneo", levemos a Capital da Republica para o planalto de Goyaz, ou para um planalto menos accessivel e mais embrenhado no coração do Brasil.

Que acontecerá?

O que tem acontecido sempre. A edificação da capital da Republica naquelle planalto, sendo, antes de tudo, uma especie de protesto contra o "conceito litoraneo" da nossa civilização, fará affluir para a zona já indicada todos os requintes de progresso e de cultura de que hoje se engrinalda o Rio. Desenvolver-se-á não só a porção de territorio goyano escolhido para séde do governo federal, como o proprio Estado, como todas as cidades á margem do caminho que ha de levar-nos até lá. As estradas de ferro, as linhas de navegação fluvial, as communicações aéreas, as estradas de rodagem, todos esses melhoramentos caldearão para aquelle ponto a "vida intensa e absorvente" do Rio, de maneira que a nova capital possa estar á altura da Segunda Republica, á altura do nosso progresso.

Salvo se os estadistas gau'chos, incumbidos agora da reconstrucção nacional, quizerem encurralar o governo numa torre fechada á civilização e ao progresso.

Nesse caso, porém, não é o "conceito litoraneo" que está prejudicando o Brasil. E' a propria civilização.

LIBERDADE DE IMPRENSA

A Associação Brasileira de Imprensa voltou á presença do sr. ministro da Justiça. Tendo recebido communicação de que a "Gazeta de Limoeiro" havia sido impedida de circular por ordem de um dos muitos interventores espalhados por este immenso Brasil, o sr. Herbert Moses tomou da penna e, zás! lascou mais um officio áquelle titular. E o officio diz o seguinte logo de inicio: "Certo de que com o conhecimento de v. excia. nunca a liberdade e a lei seriam violadas, tomo a liberdade, etc. etc.".

Ninguem ignora que, no que diz respeito ao exercicio da liberdade de imprensa, os interventores estaduaes limitam-se a seguir á risca as instrucções recebidas do sr. Oswaldo Aranha, superintendente da pasta politica por excellencia. E mesmo a circumstancia de se dirigir ao ministro da Justiça está provando que a A. B. I. tambem não ignora isso.

vibrantes já surgiram. São ellas "A Terceira Republica" de Mauricio de Lacerda, "Outubro de Virgilio Mello Franco, da "Republica á ditadura" de Dormund e, a mais recente, "Da Caserna ao carcere", do antigo deputado carioca Azevedo Lima. Já se annuncia, tambem, o proximo lançamento do livro do sr. Jurandyr Pires Ferreira que, no exilio, escreveu o seu depoimento pessoal sobre os acontecimentos de outubro.

O interessante é que nessa copiosa literatura politica não se encontra um só volume que, em bloco, constitua louvor ou voto de sympathia pelo movimento victorioso. Mesmo as obras dos que mais cooperaram para o exito da revolução exprimem, com vehemencia, a convicção de que ella falhou aos seus designios. Os autores, com rara coragem e impressionante imparcialidade, não hesitam em criticar severamente o estado de cousas creado pelo movimento de que participaram.

E' curioso, tambem, o successo alcançado por esses livros de combate. O publico está favorecendo com nitida preferencia taes obras de analyse impiedosa. Sobre esse ponto, não pode mais existir a menor duvida.

Deante disso, que é possivel concluir? A literatura copia a vida, como queriam os naturalistas? Então, teremos de acreditar que a opinião dos livros sobre a revolução é o reflexo de pensamento geral do paiz.

Será a vida, como pretendia Wilde, que imita a literatura? Sendo assim, a conclusão não deixa tambem de ser desagradavel para os revolucionarios. Pois, dentre em breve, haverá perfeita identidade de vistas entre os conceitos das obras acima citadas e as opiniões que se vão formando neste vasto Brasil. O certo é que literatura é sempre uma cousa seria.

UMA PROPHECIA DE RUY

Ruy foi um semeador de prophecias terriveis. Algumas têm-se realisado mais cêdo do que era licito suppôr. E outras encaminham-se, a passos de meia legua, para a sua integral confirmação. Quem quer que hoje lhe releia a obra cyclopica, repassada de tão grande amor pelo Brasil, ficará assombrado com a formidavel visão daquelle espirito superior, justamente chamado "a voz da nacionalidade".

Ainda agora um leitor curioso envia-nos um trechinho do discurso que a Aguia de Haya proferiu em dezembro de 1909, na Faculdade de Direito desta Capital, em plena campanha civilista: "Ouvi bem meus amigos, meus irmãos, meus filhos: não ha para nós outra alternativa. Ou justiça, isto é, paz, honra, prosperidade. Ou ditadura, isto é, corrupção, guerra, miseria, fratricidio, desmembramento, [illegible] ção, eliminação, absorpção pelo estrangeiro".

A ditadura — diz-nos o leitor — está ahi. E pergunta: ella será o que o grande brasileiro vaticinou?

Façamos votos para que não se confirmem desta vez, nem as palavras de Ruy, nem as desconfianças do leitor. Ruy acenava, naquelle tempo, aos perigos que nos ameaçavam com a candidatura do Marechal Hermes. Victoriosa essa candidatura, e eleito presidente aquelle Marechal, só em parte se confirmou a prophecia do immortal brasileiro. Tivémos, apenas, a corrupção e a guerra. Data do governo do Marechal Hermes, de facto, este periodo de intranquillidade em que temos vivido, graças, de um lado, á corrupção erigida em fórma de governo, e graças, de outro lado, aos movimentos armados, feitos, quasi todos, por militares.

Não vingou a ditadura, é certo. Vingou, apenas, a olygarchia, que é um disfarce da primeira.

E mesmo o actual governo gaúcho ainda não é uma ditadura. Não passa, por enquanto, de um monopolio do poder. Se esse monopolio se perpetuar, ahi sim, teremos a ditadura. E se tivérmos a ditadura a culpa será exclusivamente [illegible]

dores de taes documentos, sendo apenas de desejar-se que todo o trabalho de identificação civil passe para uma repartição civil, ou seja do governo da cidade, mesmo porque ha muita gente que tem ogerisa ao Gabinete de Investigações.

POLITICA DA CAIXEIROS-VIAJANTES

Disse certa vez o sr. Washington Luis que "governar é abrir estradas". Isso era no tempo antigo, naquelle "ominoso tempo" em que não havia uma Republica Nova para nos fazer a felicidade... Hoje, a formula do estadista de Macahé já não tem applicação. Governar não é mais abrir estradas. No actual momento, governar é passear pelas estradas que outros abriram antes.

O novo principio administrativo, que substitue com vantagem o do ultimo presidente da Republica Velha, está sendo posto em pratica em todo o paiz, especialmente em São Paulo. Parece que a preoccupação primordial do governo da União e das unidades federativas consiste em espairecer as magôas em lindos passeios por estes vastos Brasis. O curioso methodo de governo foi lançado pelo proprio sr. Getulio Vargas, creatura adoravel, humorista irresistivel, alma de anjo de cinema, que resolveu ir divertir-se, durante um mez, nas estações hydro-mineraes do sul de Minas, justamente quando mais prementes e inquietantes eram os problemas de ordem publica e administrativa que exigiam a presença, no Rio, do chefe do governo provisorio.

Desde que o roliço estadista gau'cho demonstrou a importancia dos passeios nos graves instantes da vida nacional, tem havido verdadeira correria de ministros e interventores, rodando daqui para alli, voando dalli para acolá, gyrando como folhas tontas que o vendavel carrega na sua furia.

A politica que predomina é a dos caixeiros-viajantes. O sr. Lindolpho Collor faz circuitos de propaganda da sua actividade, como ministro do Trabalho, em defesa dos que exploram o trabalho. O sr. Assis Brasil visita as republicas platinas e por lá fica, deixando abandonado o ministerio da Agricultura. O sr. Leite de Castro, quando não pode dar um passeio, lamenta-se amargamente, como fez ha poucos dias. O sr. Oswaldo Aranha, quando questões importantissimas de administração o prendiam á capital do paiz, pegou pelo braço o Vice-Rei Juarez, o estratega Góes Monteiro e o recifense João Alberto, e levou-os para as doçuras de Poços de Caldas... O ministro da Educação está frequentemente em Bello Horizonte, tratando do seu precario fascismo.

Todos, ou quasi todos os interventores já deixaram o governo para ir ao Rio, em viagem de recreio. Dentre elles merece destaque, pelo feitio itinerante, o coronel João Alberto, Ahsverus da Republica Nova. No momento, regista-se mais uma viagem — a do general Miguel Costa que foi ao Rio não se sabe com que fim. Não resta duvida, em politica estamos com o tango "Gira..."

SO' MESMO O JULIÃO...

Os leitores da "Platéa" devem estar lembrados da recente excursão official automobilistica Rio-São Paulo em carros que consumiam o alcool de diversos typos, inclusivé um delles que veiu ahi pela estrada afóra abastecendo-se da pura canninha... Os resultados dessa prova, segundo a palavra dos technicos do Ministerio da Viação, foram os mais saitsfactorios possiveis, como aliás já foi fartamente demonstrado, em pequenos raldes. Alguns dos typos de combustivel á base alcool, usados na excursão, continham, em mistura, um pouco de oleo de ricino, para evitar o seccamento dos motores; outros vinham com misturas [illegible]

A bóta

(EXCLUSIVIDADE PARA "A PLATÉA")

Mario Mariani

Carlos Rosselli, um dos fugitivos da ilha de Lipari, ex-professor da Universidade de Genova, e, entre os não velhos, uma das mais bellas intelligencias do antifascismo italiano, affirma, em recente volume de socialismo revisionista — "Socialisme Liberal", Editions Valois, Paris — que o fascismo não é exclusivamente um phenomeno de terror e de corrupção. A guerra, segundo elle, creára uma psychóse militarista, feita de espirito de aventura e de espirito patrioteiro, um heroismo falso que procurava um chefe que o guiasse a emprezas extravagantes. Foi destes moços que Mussolini se serviu, illudindo-os; foram estes moços que o socialismo marxista rotineiro não soube comprehender.

Ha muito de verdade nisso.

Entre dez antifascistas, nove, no minimo, sacrificaram tudo ao seu ideal. Entre dez fascistas, nove o são por amor ao seu bocado, ou por medo. Mas ha um, o décimo, que é fascista por imbecilidade. Trata-se de uma imbecilidade heroica. Resiste a tudo.

***

O fascista sincero — note-se que o fascista sincero só póde ser encontrado na Italia — é o producto de uma contradicção intima. Curiosissima.

E' um deslocado da burguezia e da cultura. Leu tres romances e não os entendeu, tres livros de economia e não os entendeu, tres de politica e entendeu muito menos. Percebeu que em seu cerebro lavrava uma tremenda confusão e confundiu esta confusão com o genio. Quiz viver do seu genio e como era incapaz de submetter-se utilmente a um trabalho qualquer, não descobriu occupação. Tornou-se o megalómano parasita que procura uma nova fórma de sociedade que lhe permitta viver no ócio. Encontrou-a, emfim, no fascismo, o qual se lhe afigurou, á sua meia cultura nebulosa, qualquer cousa de inédito e de original. Acabou agente de policia, convencido de servir a uma grande idéa.

Este homem, convencido de ser um super-homem, deseja a tyrannia e serve-a porque despreza o povo, a plebe, a canalha. Os nove livros que leu e não comprehendeu elevaram-no, de elevador, aos supremos céos da sociedade. Lá no alto, elle, joven dominador, cospe sobre tudo e sobre todos.

Convencido de que a massa não tem nenhum direito, elle, incapaz de se tornar o tyranno, acaba por se confundir com a massa e por abdicar a qualquer direito afim de servir ao tyranno. E aqui é que está a intima contradicção. Porque elle não comprehende que a sua principal qualidade de desequilibrado hysterico é justamente esta: não comprehender nada.

***

Mas entre as muitas contradicções de que se empaturra este protótypo do semi-analphabetismo, ha mais uma. Elle é ferozmente nacionalista. A sua nação é a maior do mundo: a mais bella, a mais forte, a de historia mais refulgente, a que possu'e o povo mais valoroso, mais industrial, mais intelligente... Mussolini não fala nunca dos italianos sem dizer: "este povo magnifico". E todos os papagaios de Mussolini — na Italia e fóra da Italia — chamam o seu povo magnifico, maravilhoso, portentoso.

Mas — e aqui é que está o contraste incomprehensivel — este povo soberbo é, por outro lado, de um povo de idiotas, de cretinos, que não deve escolher o proprio governo, ao qual não se deve conceder nem a liberdade de pensamento, nem a de reunião, nem a de imprensa, nem a de propaganda, nem a do voto, porque é incapaz, absolutamente incapaz, de exercer o mais elementar de todos os direitos civis.

E' um magnifico povo de asnos que só deve andar de quatro, obediente ao rêlho.

Dilemmas da mentalidade fascista.

***

Indubitavelmente, a instrucção obrigatoria creou desequilibrios.

Ha no mundo muita gente que, por saber ler o jornal, julga immediatamente que o póde tambem escrever.

E esta gente afasta-se do povo e o despreza.

"O povo precisa de um chefe". E' a phrase que se houve com maior facilidade.

E este chefe não póde siquer ser escolhido por elle. Assim que, por um golpe de mão ou de fortuna, as rédeas vão parar ás mãos de alguem, esse alguem deve immediatamente puxar as rédeas, empregar o rêlho e... nada mais.

***

Parece um problema novo.

A polemica entre Tao e Confucio versava, porém, sobre este ponto, bem como a de Platão e Aristoteles.

Um mathematico — já vos narrei o episodio — disse: "A massa é composta de zeros; milhões de zeros, sommados, dão sempre zero. Só têm valor quando postos ao lado da unidade".

Responde-se facilmente: assumem um valor negativo quando postos ao lado de uma unidade negativa.

E do valor negativo ou positivo da unidade, quem é juiz?

Não as proprias unidades. Seria muito commodo auto-eleger-se.

Os fascistas respondem: quem chega é sempre digno. Muito bem. Mas basta chegar por qualquer meio? Sim. Então, toda a politica do civilizadissimo seculo XX se transforma em banditismo. De facto, o fascismo é banditismo politico.

***

Mas justamente porque a discussão é velha, um velho tratadista do seculo XIII deu uma resposta espirituosa á antiga affirmação aristocratica olygarchica, tyrannica, da incapacidade das multidões para escolha de seus governantes.

Perdoae-me se não me lembro mais do nome. Mesmo que o recordasse e o citasse não poderieis ir ler o original, porquanto dos exemplares do seu tratado — nunca reeditado — só existem dois: um no British Museum, de Londres e outro numa bibliotheca italiana.

Sei que leccionava em Bolonha ou em Padua e que Machiavel o tinha em alta conta.

Diz elle: "E' verdade que os zeros não entendem de finança nem de arte de governar. Não obstante, elles podem perfeitamente julgar se um governo é bom ou é mau. Porque? Porque o governo é a bóta que elles devem calçar. Ora, nem todos nós sômos sapateiros, mas quando vamos ao sapateiro, mesmo sem entender do officio, nós sabemos dizer como, porque e onde nos magôa a bóta. E escolhemos a que nos serve".

***

Os governos discricionarios, de força, as tyrannias modernas, são bótas apertadas. E não precisamos ser sapateiros para saber que ellas nos apertam. Basta o mal que nos fazem e que sentimos.

do na decifração das charadas que o dr. director geral do Ensino levava na algibeira. Perguntas que — conforme depois confessou o examinador — não causariam o menor embaraço a alumnos de dez ou doze annos de idade, deixavam os professores perplexos, muitos delles incapazes de concatenar siquér as idéas. Cousas que qualquer [illegible] categoria

Ou aprende a decifrar charadas, ou cáe na rua. Summariamente. Feita a selecção entre os alumnos, a Escola Nova tentará, naturalmente, fazer a selecção entre os professores, removendo para regiões inhospitas todos aquelles que não revelem quéda para esse genero de quebra cabeças.

EM 1892 NO DIA DE H[illegible]